

1997-Theory and Practice of Social Museology, **Stoneterior**, nº46, Toquio.

TEORIA E PRÁTICA DA MUSEOLOGIA SOCIAL

O Museu do Casal de Monte Redondo -Leiria

Portugal

É cada vez mais evidente que os museus em qualquer parte do mundo têm vindo a sofrer modificações que se manifestam em vários níveis. Para lá das funções tradicionais da recolha, conservação e exibição de objectos tal como estão enunciados nos estatutos do ICOM, os museus têm vindo a pretender servir como meios de comunicação, abertos às preocupações do mundo contemporâneo. Para isso têm vindo a utilizar o que a tecnologia coloca ao seu alcance, guiam-se à luz do "marketing" e da gestão empresarial moderna.

Noutros casos assumem-se como centros de dinamização sócio-cultural, procurando participar e ser veículos do desenvolvimento do meio que lhes dá vida.

Por mais elementar que seja atenção que se preste ao panorama da Museologia contemporânea em Portugal no qual se integra o Museu de Monte Redondo, dever-se á reconhecer o seu carácter multifacetado, onde se cruzam conceitos, atitudes, e objectivos que traduzem não só orientações gerais da museologia, mas o papel e o lugar que os intervenientes pretendem ocupar na sociedade na afirmação do direito partilhado a uma plena cidadania.

As diferentes formas de museologia desenvolvidas por todo o país em particular depois da revolução de 25 de Abril de 1974 que levou à democratização do país e ao fim do império colonial (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Timor ...) permitem afirmar que paralelamente aos museus de Estado, vieram à luz do dia centenas de processos museológicos por iniciativa do forte movimento associativo cultural e ecológico e do reforço poder autárquico reforçado no seio de um processo profundo de descentralização.

São dezenas de milhar de pessoas que de formas diferentes e mais ou menos elaboradas ou teorizadas, encontraram na museologia o meio privilegiado de expressão sobre questões de tantos patrimónios - histórico, arquitectónico, linguístico, arqueológico ou antropológico num contexto de valorização e identificação das especificidade e competências locais.

Trata-se sem dúvida de processos museológicos, permanentes ou intermitentes, criativos ou reprodutores de modelos, conservadores ou participantes no desenvolvimento das comunidades que lhes dão vida.

Trata-se de uma museologia no essencial pobre, sem recursos financeiros e saberes sofisticados e que tantas vezes também é marcada por ideologias e paradigmas desfasados.

Mas trata-se também, de uma museologia que exprime a cultura do nosso tempo, a cultura das misturas, expressão de uma sociedade em mudança.

Estes museus e processos museológicos são em nosso entender a expressão profunda da museologia contemporânea em Portugal.

E, neste sentido esta museologia do quotidiano revela-se ser também uma componente essencial da própria mudança.

Não é assim um fenómeno de ruptura ou marginal, mas pelo contrário é fruto e semente de uma sociedade mais democrática, de um associativismo mais livre, de um municipalismo mais consciente de um novo modelo de desenvolvimento que favoreça a descentralização e consequente valorização dos recursos locais -humanos e naturais.

O alargamento da noção de património, é a consequente redefinição de "objecto museológico", a ideia de participação da comunidade na definição e gestão das práticas museológicas, a museologia como factor de desenvolvimento, as questões de interdisciplinaridade, a utilização das "novas tecnologias" de informação e a museografia como meio autónomo de comunicação, são exemplo das questões decorrentes das práticas museológicas contemporâneas e fazem parte de uma crescente bibliografia especializada.

Alteram-se aqui o lugar e a função dos intervenientes (profissionais - público - criadores) bem como as noções de património, de objecto museológico e de colecção. O poder de decisão é reequacionado em termos de uma possível autogestão, ou de pelo menos

de uma maior acessibilidade de cada interveniente à gestão museológica e à criação museográfica.

Em todos os casos, a exposição continua a estar no centro da actividade museológica, quer se trate da exposição produto ou da exposição processo.

Não ser uma museologia da ruptura ou marginal não significa que se estruture e se fundamente à imagem da museologia tradicional e urbana. Pelo contrário esta NOVA MUSEOLOGIA que resulta das novas condições de produção do discurso museológico e que por isso integra o saber museológico acumulado ao longo de gerações, demonstra nas suas diversas formas uma consciência mais clara da ideia de participação e provoca uma implicação social mais evidente.

Estamos pois a falar de uma museologia informal que se enquadra no conceito mais amplo de MUSEOLOGIA SOCIAL o qual traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea.

Este esforço de adequação, que alias se estende a muitos outros países, foi sintetizado pelo Director Geral da UNESCO, Frederic Mayor, na abertura da XV Conferência Geral do ICOM da seguinte forma: *A instituição distante, aristocrática, olimpiana, obcecada em apropriar-se dos objectos para fins taxonómicos, tem cada vez mais - e alguns disso se inquietam - dado lugar a uma entidade aberta sobre o meio, consciente da sua relação orgânica com o seu próprio contexto social. A revolução museológica do nosso tempo - que se manifesta pela aparição de museus comunitários, museus 'sans murs', ecomuseus, museus itinerantes ou museus que exploram as possibilidades aparentemente infinitas da comunicação moderna - tem as suas raízes nesta nova tomada de consciência orgânica e filosófica".*

Relembrando mais uma vez as conclusões da reunião de Santiago do Chile de 1972 promovida pelo ICOM, onde se lia *Que a transformação das actividades do museu exige a mudança progressiva da mentalidade dos conservadores e dos responsáveis dos museus assim como das estruturas das quais eles dependem"* devemos admitir a necessidade de formar novos profissionais de museus a partir das novas condições de produção do discurso museológico.

E neste campo é sem dúvida na museologia informal que encontramos a inovação a mudança e certamente os novos caminhos.

O maior desafio do ensino da museologia em Portugal não é o de ensinar aquilo que consta dos manuais de museologia mas sim dotar os

futuros museólogos de meios que lhes permitam situar-se e agir num contexto de mudança social que percorre todos os aspectos da sociedade contemporânea.

A exposição que se limita apenas a mostrar, sem questionar, cada vez mais se inscreve numa espécie de arqueologia de um pensamento museológico arcaico.

Não se lida mais nos museus apenas com objectos mas sim e sobretudo com ideias.

É certo que durante muito tempo, à museografia correspondia um conjunto de regras, que asseguravam uma exposição "correcta" dos objectos. Foi neste quadro, que a museografia contemporânea tomou forma integrando aperfeiçoamentos e novidades, em todos os seus aspectos (novas tecnologias, interactividade realidade virtual...).

Ao serviço do objecto ou ao serviço de ideias, devemos reconhecer no entanto que a museografia e as técnicas de exposição em geral constituem cada vez mais um meio de comunicação autónomo em relação ao museu.

Ora o objecto museológico, exuberante ou submisso, respeitado ou manipulado, é no essencial para os museus tradicionais um objecto "herdado".

Insatisfeitos com esta situação, no Museu de Monte Redondo damos uma grande importância às questões da museografia, as quais têm vindo a ser estudadas num programa de investigação desenvolvido em conjunto com a Universidade lusófona de Humanidades e Tecnologias e com o Museu Nacional de História Natural de Lisboa, procurando caminhos de uma museografia baseada em objectos criados pelos museus e que pelo manuseamento das formas exprimem ideias..

. Mas a museografia como meio de comunicação visual pode utilizar e aprofundar a potencialidade comunicativa da FORMA, não herdada do objecto, mas sim criada para cada situação.

As noções ou ideias de equilíbrio, sobreposição, transparência, claridade e sombra, simultaneidade, sequência, tensão, deformação, centralidade, figura e fundo, não são alheias a algumas práticas museográficas. No entanto devemos ressaltar que a sua utilização corrente por alguns museus é posta apenas ao serviço do objecto museológico que se pretende exhibir e não como elementos conformadores de uma nova linguagem das formas criadas.

Ao procurarmos aprofundar uma possível teoria da museografia ou num âmbito mais largo, pensarmos com Pierre Francastel numa epistemologia de criação imaginária, naturalmente que teremos que

integrar a ideia de que a aparência de qualquer elemento depende do seu lugar e da sua função num padrão total. "Longe de ser um registro mecânico de elementos sensórios, a visão prova ser uma apreensão verdadeiramente criadora da realidade - imaginativa, inventiva, perspicaz e bela....Toda a percepção é também pensamento, todo o raciocínio é também intuição, toda a observação é também invenção. A forma de um objecto que vemos, contudo, não depende apenas de sua projecção retiniana numa dado momento. Estritamente falando, a imagem é determinada pela totalidade das experiências visuais que tivemos com aquele objecto ou com aquele tipo de objecto durante toda a nossa vida" (Rudolf Arnheim, *Arte e Percepção Visual*, São Paulo, 1994, p. 40) pelo que temos de integrar, o papel da memória na criação das matrizes do imaginário, que em última análise condicionam a criatividade.

Esta apresentação dos conceitos que enquadram o nosso trabalho e que julgamos fundamentais para se poder actuar no âmbito de uma museologia que se queira contemporânea do seu próprio tempo têm ao longo dos 16 anos de funcionamento do Museu de Monte Redondo guiado a sua intervenção.

Assim o organigrama que apresentamos, dá conta da forma e do lugar que ocupa neste processo museológico cada uma das suas componentes.

Partindo de solicitações provenientes de diferentes sectores da população da área de influência do Museu - grupos sociais, empresas, escolas explorações agro-pecuárias, são desenvolvidas acções nos domínios do Apoio escolar, acções para o Desenvolvimento, Turismo e animação cultural e informação/Formação, procurando satisfazer essas solicitações.

Esta área de intervenção do Museu a qual ronda os 5 Km de raio à volta do Núcleo Central, corresponde alias aos limites de uma antiga herdade fundada nos meados do século XIII e que guardou a sua coerência socio-económica até aos nossos dias.

O Conselho Informal de Gestão limita-se por um lado a coordenar e disponibilizar recursos existentes ou a assegurar a sua aquisição conforme as necessidades .Por outro lado parte desse Conselho colabora activamente com a formação pós graduada em Museologia Social da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, onde a maior parte dos professores fizeram a sua aprendizagem museológica em Monte Redondo, facto que facilita a análise dos processos em curso e a

colaboração nos projectos de investigação feitos de parceria Museu/Universidade.

Esta relação, com a Universidade tem permitido a existência de uma reflexão essencial e profunda que nos tem permitido aceitar com naturalidade a introdução em meio museológico daquilo que aparentemente estaria e deveria ficar de fora.

Ora num pequeno meio rural, com recursos limitados, é a nosso ver tão importante valorizar a profissão de cabeleireira ou de costureira (fundamentais na economia domestica de muitas famílias) através de concursos, como alojar uma escola para crianças com dificuldades de aprendizagem, protestar contra a desqualificação da madeira de pinho (principal riqueza da região florestas e industria de madeira e resinas) pela legislação da Comunidade Europeia, ou guiar visitantes no circuitos de Ecomuseologia do Museu.

Por outro lado uma exposição sobre o elevado nível tecnológico utilizada nas empresas da região (congelamento de alimentos, serrações de madeira) demonstrou que a migração para as cidades já não é o único meio para atingir uma melhoria do nível de vida, mas que pelo contrario, a formação de nível superior é o melhor garantia em meio rural para ter o acesso a melhores níveis salariais.

À médica residente o Museu fornece os meios logísticos para a realização de acções de sensibilização no domínio da segurança do trabalho o informação às mulheres grávidas ou futuras mães. Aos artesões porporciona-se formação e valorização dos seus produtos através de feiras anuais.

Naturalmente que estas acções desenvolvem-se de forma descontinua, passando o museu ao longo destes anos por períodos de grande e reduzida actividade

Estes exemplos, ilustram o organigrama, sendo certo que se for necessário, novas frentes de actuação serão abertas, ao ritmo da própria vida da aldeia , a qual na verdade está em profunda mutação.

E o museu é parte dessa mesma mutação.

ORGANIGRAMA

Museu do casal de Monte Redondo - Leiria -Portugal



